



Johanna Spyri

Heidi



Adaptação de
Jeanne Willis

 Fábula

Ilustrações de
Briony May Smith

Elevando-se bem acima dos Alpes Suíços, a águia dourada avistou uma jovem e uma menina de faces rosadas a subir, em passo acelerado, o estreito caminho da montanha que conduz a Dörfli.

– Depressa, Heidi – disse a tia Dete, franzindo a testa. – Eu sei que o caminho é longo e que também estás cansada, mas a casa do avô ainda fica longe.

A Heidi largou a mão da tia e afastou dos olhos o seu húmido cabelo escuro.

– Eu não estou cansada. Tenho calor! – exclamou.

Ela tinha cinco anos, mas parecia mais crescida, porque a tia Dete insistira em embrulhá-la com todas as suas roupas de inverno, para não ter de as carregar. Apesar do calor escaldante do verão, a Heidi usava três vestidos, um xaile grosso e botas tão pesadas que mal conseguia levantar os pés. Elas já caminhavam há duas horas, mas a tia Dete não abrandava o ritmo.



Quando chegaram a Dörfli, os antigos vizinhos da Dete correram para cumprimentá-la, mas ela passou apressada com o nariz empinado.

— Espera! — chamou a sua amiga Bárbara. — Não te vejo há anos. Não vais parar para conversarmos um pouco?

Quando a Bárbara finalmente alcançou a Dete, a Heidi sentou-se na relva para recuperar o fôlego. Cercada por margaridas, divertiu-se a apanhá-las e a entrelaçar os seus caules verdes, para fazer um colar. Mas, de repente, ouviu o som de sinos a tocar e olhou para cima. Ao longe, viu um menino a pastorear cabras e, com vontade de brincar, correu na direção dele. A tia Dete estava tão distraída a conversar com a amiga que não a viu afastar-se.

— Para onde levas a Heidi? — perguntou a Bárbara.

— Para morar com o avô Ernesto — respondeu a Dete. — Recebi uma oferta de emprego como cozinheira em Frankfurt.

A Bárbara olhou para ela horrorizada.

— Pobre criança! Como podes fazer isso, Dete?
Toda a gente tem medo daquele velho rabugento.
Ele quase nunca vem à aldeia e, quando vem, nunca diz uma palavra. Não admira que more sozinho.
Aquilo não é lugar para uma menina.

— É a única solução — desabafou a Dete. — Tive de cuidar da Heidi desde que ela ficou órfã, e, acredita, não foi fácil. Agora é a vez dele. Lamento, mas tenho de pensar em mim.



Felizmente, a Heidi não ouviu a conversa das duas. Tentando alcançar o menino pastor, tirou as botas, os vestidos extras e o xaile, e correu descalça pelo prado, tal qual uma cabrita feliz.

– Ei... espera por mim! – chamou ela.



– As cabras são todas tuas? Quantas são? Como se chamam?

Ele cuspiu a palha que estava a mastigar e olhou para ela de cima a baixo.

– Porque olhas assim para mim? – perguntou a Heidi. – Nunca viste uma menina antes?

– Não como tu – respondeu ele, a sorrir. – Como te chamas?

– Heidi – respondeu a menina.

– Heiidii, hum... – repetiu ele devagar, pronunciando suavemente o nome dela.

– E quem és tu, miúdo engraçado? – perguntou ela.

– Aqui toda a gente me conhece. Sou o Pedro – respondeu. – Anda, vamos correr como o vento! – E, com um grito, ele deu-lhe a mão e saíram a correr atrás das cabras, soltando gargalhadas por entre as ervas altas.

– Como se chama esta cabra branca? – perguntou a Heidi.

– *Branquinha* – respondeu o Pedro. – E estás a ver aquela castanha a dar coices?

É a *Ursina*.



O Pedro falava das suas cabras com tanto entusiasmo que a Heidi perdeu a noção do tempo.

– Onde estão as tuas roupas, minha menina? – perguntou a tia Dete quando finalmente a encontrou.

– Lá em baixo – respondeu a Heidi, apontando.

A tia Dete avistou, ao fundo, uma pilha de roupas caídas.

– Vai buscá-las e veste-as imediatamente! – ordenou a tia.

Mas a Heidi abanou a cabeça.

– EU NÃO QUERO nenhuma roupa!

– Não importa o que tu queres – disse a tia Dete. – Rapaz, vai buscar as coisas da Heidi.

– Não posso, senhora, estou atrasado – respondeu ele, enfiando as mãos nos bolsos em sinal de desafio.

Resmungando, a tia Dete ofereceu-lhe uma moeda e, em troca, recebeu um sorriso matreiro. O Pedro logo se apressou a ir buscar as roupas.



O avô Ernesto estava sentado em frente à sua cabana quando a tia Dete e as crianças apareceram. Ele parecia tão imóvel quanto as montanhas acima dele. Reunindo coragem, a Heidi correu na sua direção com um grande sorriso.

– Olá, avô! – cumprimentou, estendendo-lhe a mão.

Ele afastou-se para trás, agarrando-se à borda do banco para se equilibrar.

– Que é isto? – questionou, com um olhar gélido.

A Heidi aproximou-se ainda mais, fascinada com as suas sobrancelhas, tão brancas e tão espessas que mais lhe pareciam ovelhas. Ele pestanejou, sem perceber. Depois a Heidi deu-lhe um beijo.

– Estou tão feliz por te ver, avô – disse ela. – Não estás feliz por eu ter vindo?

Ele afastou-se, quase como se o beijo lhe tivesse picado a bochecha.

– Tio, porque tem de agir assim? A Heidi é sua neta – protestou a Dete.

– Assim?! – trovejou ele. – Porque a trazes até mim agora?

– Já não posso tomar conta dela – respondeu a Dete. – O senhor é a única família que ela tem, por isso tem de ficar consigo.

– Comigo?! – rugiu. – E que devo eu fazer com uma criança?

– Cuidar dela! A menos que queira dar razão aos aldeões que o acham um velho rabugento... – comentou a Dete, bruscamente.

O avô ficou furioso e, levantando um cajado, disse:

– Vai-te embora, Dete! Ela pode ficar, mas, tu, volta para o lugar de onde vieste e deixa-me em paz!

Desolada, a tia Dete desceu a montanha a correr, sem sequer se despedir.

– Ó avô... acho que agora vais ter de tomar conta de mim – comentou a Heidi.

Mas o avô não olhou para ela. Resmungando para si mesmo, voltou para o seu banco e sentou-se em silêncio.



A Heidi ficou em frente a ele, paciente, durante algum tempo. Mas como o avô se recusou a dar-lhe atenção, ela foi espreitar o curral das cabras, que estava vazio. Depois sentou-se a assobiar ao vento, que lhe devolvia um uivo ao passar as suas rajadas pelos ramos dos pinheiros. Algum tempo depois, perguntou a si mesma se o avô estaria a sentir a sua falta e correu de volta para junto dele.

– Que queres? – perguntou ele, friamente.

– Quero ver o que há dentro da tua casa – respondeu ela. – Mostras-me, por favor, avô?

O avô suspirou e levantou-se.

– Traz as tuas roupas – ordenou.

A Heidi agarrou nelas e, segurando-as contra o peito, seguiu o avô para dentro de casa.

– Não quero vestir estas roupas – disse. – Eu quero andar como as cabras!

Olhou em redor. No canto, havia uma lareira com uma chaleira de cobre pendurada acima dela. Não havia muitos móveis; apenas uma mesa, uma cadeira, um banquinho de três pernas, uma cama e um armário alto que o avô usava para guardar de tudo: comida, pratos, copos e roupas.



– Põe as tuas coisas ali – disse ele, apontando para o armário. Depois observou-a a esconder as suas roupas de inverno bem no fundo e não conseguiu conter um ligeiro sorriso.

– Onde vou dormir, avô? – perguntou a Heidi.

– Decide tu. É-me indiferente – respondeu ele.

Levada para os Alpes pela tia, a Heidi é obrigada a adaptar-se à vida na montanha e aos modos rudes do avô. Mas aos poucos tudo começa a mudar: ela passa a viver em harmonia com a natureza, suaviza o coração do velho solitário e faz um grande amigo.

Até que, um dia, a tia vem buscá-la para a levar para a cidade. A Heidi volta a perder tudo o que tanto amava. As saudades não passam e todos percebem que ela nunca será totalmente feliz se não regressar a casa do avô. Conseguirá a Heidi realizar esse sonho?

Esta obra reconta, com ilustrações belíssimas, a história de Heidi, uma menina órfã que, com bondade e inocência, consegue transformar aqueles que a rodeiam. Uma personagem inesquecível que tem conquistado várias gerações de leitores.

 **fábula**
imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-999-564-282-3

5+



9 789895 642823

Leitura Infantil

